

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*)

HANSEN (Karl Heinz). — *Primeiro Encôntro com a Arte* (Pequena introdução ao estudo das Artes Plásticas). São Paulo. Edições Melhoramentos. Tradução de Rodolfo Fredenfeld. 129 pp.

Numa revista destinada em grande parte aos professores de História do Curso Secundário não seria de se estranhar que ao lado de resenhas de obras especializadas que servem de consulta exclusiva do professor, se fizesse um comentário sobre um livro de caráter puramente didático. Trata-se do livro *Primeiro Encôntro com a Arte*, de Karl Heinz Hansen.

Sempre lastimamos no ensino de História a lacuna e o silêncio que tem rodeado tudo o que se refere à História da Arte. Infelizmente, por mais que se tenha escrito e combatido nos últimos anos, a História política continua a predominar no nosso ensino. Isso salta aos olhos: basta que se tenha em mãos um desses manuais usados no ensino secundário. Quando muito os autores se limitam a registrar, de maneira cansativa e desinteressante, o nome dos principais pintores e escultores e suas obras. Dos músicos, nem falar, que esses estão praticamente ausentes na nossa História Geral.

A essa deficiência dos manuais somemos a falta de preparo, nesse setor, da maioria dos professores. No que refletem, aliás, um defeito da cultura do brasileiro em geral. Não nos cabe aqui analisar as causas desse fenômeno. O fato é que ele existe e repercute de maneira perniciosa sobre a Educação. Poucos entre nós, entretanto, reconhecem isso. Em contraposição observamos que em outros países esse aspecto do ensino tem sido considerado importantíssimo. Sem falar dos que como a Itália e França, onde a concentração de monumentos e obras de arte da mais variada espécie e por toda parte, a facilidade de acesso ao grande número de museus e galerias existentes oferecem ao público em geral a oportunidade de se familiarizar com a arte de todos os tempos; em quase todos os países europeus esse ensino é feito de maneira sistemática. As crianças desde as primeiras séries do curso secundário frequentam museus, acompanhadas pelos professores e se iniciam no convívio com as obras de Arte. Por outro lado os pequenos livros de divulgação facilmente utilizáveis pelos estudantes são numerosos e de baixo preço. Abre-se assim para eles um mundo inestimável de valores novos, enriquecendo-se assim a sua personalidade, tornando a vida mais significativa.

Quão diversa é a nossa situação. Dificuldades de material, falta de livros didáticos e até bem pouco tempo deficiência de museus.

(*) . — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (*Nota da Redação*).

A situação inegavelmente tem melhorado muito nos últimos anos principalmente depois da criação em São Paulo do Museu de Arte e do Museu de Arte Moderna, a multiplicação das Galerias e o funcionamento da Secção de Arte da Biblioteca Municipal que possui um ótimo acervo de obras sobre Arte em geral, bem como as das Faculdades de Arquitetura. Mas se os meios disponíveis, embora ainda insuficientes, foram muito aumentados e o interesse pela Arte paralelamente cresceu nos meios paulistas, o reflexo que seria de se desejar sobre o ensino secundário não se verificou. E' bem verdade que a necessidade de alargar esse campo de conhecimento foi reconhecida até pelos próprios programas que principalmente no Curso de Colégio acentuam os aspectos econômico, social, literário e *artístico da História da Humanidade*. Mas da intenção à prática vai uma longa distância.

E porque não lembrar mais um aspecto do problema: o ideal proposto pela UNESCO de um ensino da História a serviço da compreensão internacional e da paz? Quaisquer que sejam as críticas que possamos fazer-lhe, na sua idéia essencial êle permanece válido. Não, divirtuar a História, deformá-la, apenas, apresentá-la de maneira a frisar os aspectos positivos das relações entre os povos, da difusão da cultura, das contribuições recíprocas, através dos séculos. E isso não seria jamais conseguido com o estudo exclusivo da História Política. Ao contrário. Esta em geral tem servido como memória escrita a alimentar ódios tradicionais, a serviço de exacerbados nacionalismos e falsos conceitos de superioridade racial.

Não queremos com estas observações justificar a necessidade do estudo da História da Arte, que ela por si mesma se justifica. São apenas divagações que nos vieram à mente ao ter em mãos esse livro que vem contribuir para remover uma das dificuldades com que contam os professores de História do curso secundário: a inexistência de bibliografia em português, acessível ao aluno médio, sobre questões de História de Arte.

Escrito numa linguagem simples, contando uma introdução onde são apresentados alguns problemas de ordem geral sobre pintura, destinada àquêles que não possuem qualquer conhecimento, apresenta uma seleção de 127 estampas reproduzindo alguns dos momentos da evolução da pintura (nada sobre escultura e arquitetura); uma rápida explicação de algumas técnicas gráficas: gravura em cobre, água forte, xilogravura, litografia e finalmente um resumo cronológico abrangendo considerações, embora muito superficiais, sobre arte dos egípcios aos nossos dias. Para concluir uma breve cronologia com o nome dos principais representantes da pintura na Europa Ocidental, do século XII a 1950. Poderíamos aqui criticar a seleção feita pelo autor ou a ordenação das estampas, lastimar a inexistência de gravuras coloridas (apenas uma é em cores, tôdas as demais em branco e preto) ou por vêzes sua insuficiente nitidez e o esquecimento de alguns representantes de alto valor na História da Arte. Caravaggio, por exemplo, pela sua repercussão ou El Greco, para citar apenas um dos nossos preferidos — foram deixados de lado quando aparece por exemplo um discípulo de Rembrandt (estampa 55). Mas a verdade é que não há no livro propriamente o desejo de estudar a pintura através dos tempos, mas iniciar os leitores na sua compreensão e análise. O que desejamos entretanto, não é criticar; isso sempre é fácil, mas acentuar os lados positivos da obra. Quaisquer que sejam os reparos que possamos fazer (e alguns dos defeitos

apontados seriam facilmente justificáveis. Por exemplo: a má qualidade das estampas — o que se impõem pela necessidade de publicação a baixo custo), é com prazer que chamamos a atenção para mais essa louvável iniciativa da Companhia Melhoramentos, trazendo ao nosso público de jovens estudantes um livro capaz de despertar interesse por esses assuntos. Insuficiente ainda, talvez em alguns aspectos deficiente, mas uma ótima iniciativa. Recomendamo-lo aos professores do curso secundário. Não para que se sirvam dê-lo como obra de consulta pessoal, mas para que possam colocá-lo à disposição dos alunos. E nesse sentido êle é imprescindível na biblioteca de um professor de História. Façamos votos para que êsse empreendimento receba o devido apóio e que ao *Primeiro Encôntro com a Arte* se sigam muitos outros (1).

EMILIA COSTA NOGUEIRA

HALKIN (Léon-E.). — *Initiation à la Critique Historique*. Cahiers des Annales, 2a. ed. Armand Colin ed., Paris, 1953, 191 pp.

Embora o meu "ofício" não seja pròpriamente o do historiador, acanhado, portanto, em invadir seara alheia, não me furto ao prazer e à tentação de assinalar nesta *Revista*, o livro do Prof. Léon-E. Halkin, da Universidade de Liège. E a isso sou levado porque verifíco, freqüentemente entre nós, um fato curioso: a grande atração, a verdadeira fascinação que sôbre nós exercem as *filosofias da história*, filosofias estas de que muito suspeitam os historiadores e das quais também desconfiam — como aliás convém — os filósofos. E' certo que elas nem sempre nascem de uma exata noção do *histórico* e nem sempre apresentam o sentido crítico que é característico próprio do *filosofar*. E' isso, pois, que me leva, sem cerimônia, a invadir uma seara na qual tenho trabalhado um pouco mas que, afinal, não é a minha; é isso que me leva a sublinhar a importância d'este livro que já vai na segunda edição e do qual só tive conhecimento há pouco.

Sem dúvida, o trabalho do Prof. Halkin merecia nota mais longa e mais minuciosa e não apenas a breve indicação que passo a fazer. Não quero, porém, retardar a apresentação de tão importante instrumento do trabalho como é o livro do Prof. Halkin, ao qual Lucien Febvre chama, justamente, de: "*Iniciação sem pedantismo à crítica histórica*" (p. 3). Aliás, aproveito a oportunidade para lembrar, também, de passagem, um outro livro que é grande e excelente lição de história, — o de Lucien Febvre, *Combats pour l'Histoire* (Armand Colin ed. Paris, 1953, 458 pp.) ao qual talvez ainda me referirei em outra ocasião. Este trabalho do grande mestre que é Lucien Febvre é uma das melhores introduções que conheço ao difícil "ofício" de historiador. Livros como êste, inteligentes e vivos, ensinam a formar historiadores.

O que desde logo seduz no livro do Prof. Halkin — e isso nunca é demais relembrar e repetir no nosso meio... — é a sua simplicidade. O Prof. Halkin não se perde num mundo de idéias pseudo-filo-

(1). — A título de sugestão lembramos o livro de Georg Warnecke: *Kunstgeschichtliches Bilderbuch für Schule und Haus*, publicado em 1927 por Alfred Kröner em Leipzig — Publicado entre nós completaria o primeiro, pois abrange escultura, arquitetura, pintura, possuindo também numerosas reproduções.

sóficas de duvidoso caráter imaginativo em que outros, com afoiteza, mergulham. Seguindo a lição de Henri Pirenne, Halkin também crê que o “historiador nada mais é do que um homem que se dá conta de que as coisas mudam e que procura saber porque elas mudam”. A história é, segundo o espírito que a guia, uma arte ou uma filosofia e até uma ciência. Todos êstes modos de a considerar são legítimos, diz o Autor, embora suscitem sérias objeções. A história é uma arte difícil, uma ciência contestável e alimenta filosofias perigosamente imprecisas cujo desenvolvimento é nocivo, algumas vezes, ao trabalho do historiador (p. 14). Mas a história não é, por certo uma coleção de pesquisas eruditas ou espetáculo de museu.

As filosofias da história e os mitos históricos originam-se da inquietação e os *profetas* em que muita vez se transformam certos filósofos da história, nascem dessa inquietação. A história propõe, porém, métodos mais rigorosos ao historiador. E é o emprêgo desses métodos rigorosos — e difíceis — que constitui a crítica histórica. Graças a esta, o homem conhece melhor o seu passado e se torna menos escravo dêle. Nisso, diz o Autor, consiste a verdadeira grandeza da história.

Não desêjo furtar ao leitor o prazer que êle terá em ler, e em receber, o grande número de sugestões que o livro do Prof. Halkin proporciona. Quero apenas chamar a atenção do possível leitor para o artigo *Intolerância e Inquisição*, a propósito desse *locus classicus* da história da intolerância que foi a Inquisição, o Prof. Halkin desenvolve uma série de considerações muito curiosas que têm por tema êste talvez sempre oportuno pensamento de Pascal: “On se fait une idole de la verité même, car la verité hors la charité n’est pas Dieu mais son image et une idole qu’il ne faut ni aimer ni adorer”...

J. CRUZ COSTA

FALCÃO (Edgard de Cerqueira). — *Nas Paragens do Aleijadinho*, 1955.

O sr. Edgard de Cerqueira Falcão, a quem a arte do Brasil deve tanto pelos magníficos volumes de documentação fotográfica, realizados quando ainda era pouco e incerto o interêsse pela nossa tradição plástica, publica hoje, com uma carta-prefácio de Basílio de Magalhães, ilustrações de J. Wast Rodrigues e capa do irmão Paulo Lachenmayer, O.S.B., êsse “*Nas Paragens do Aleijadinho*”, que é um resumo do texto de “*Relíquias da Terra do Ouro*”, atualmente uma raridade bibliográfica. O louvável intuito de não permitir que restasse confinado às bibliotecas dos colecionadores mais afortunados um punhado de informações úteis sôbre a arte antiga de Minas Gerais, bastaria para justificar e valorizar a iniciativa do sr. Edgard de Cerqueira Falcão, se tanto já não acontecesse pelo simples fato de reencontrá-lo no cultivo de sua especialidade.

Do livro, já pelo seu caráter sintético, não se esperarão longas descrições de monumentos, nem mesmo maiores análises históricas. Não obstante, as notas que nele sinteticamente registram as principais obras do barroco mineiro são precisas e seguras, como é hábito no autor. Mariana, Ouro Preto, Sabará, São João e São José del Rei ali surgem com suas principais igrejas e construções civis, depois

de uma sùmula sòbre a evoluçãõ històrica da província mineira. Por vèzes, é bem verdade, a cautela do historiador rigoroso parece perturbar a tarefa, correlata porèm diversa, do guia. Assim, a atribuiçãõ da arquitetura de São Francisco de Ouro Prêto ao Aleijadinho, feita com as reservas críticas da simples autoria presumível, poderá parecer ao viajante leigo, que é o leitor de guias, mais uma insinuaçãõ do que uma afirmaçãõ, quando essa segunda impressãõ será a desejada pelo sr. E. Cerqueira Falcão, sobretudo depois da publicaçãõ dos documentos da Ordem Terceira pelo cònego R. Trindade. Igualmente, se há referênciã ao intrincado problema da autoria do lavabo da sacristia, seria necessário insistir-se no valor de peças assimiláveis, como sejam os dois pùlpitos do arco-cruzeiro, bem como encarecer a autoria e a execuçãõ dominante, senão mesmo exclusiva, da portada e medalhãõ pelo Aleijadinho, pois a mão de José Antônio de Brito (se, em verdade, seu “arremate” não foi mero retoque complementar) não conseguiu marcar sensivelmente a obra admirável. Não queremos, está claro, que a exatidãõ documentária ceda à propaganda artística, mas tão só gostaríamos de ver abertos os olhos do viajante comum para o que lhe pode mostrar, de forma mais eloquente, o caráter e o valor da obra de mestre Lisboa. Reparos equívales poderiam ser feitos quanto à brevidade da indicaçãõ sòbre as figuras de madeira dos passos do Adro de Congonhas (em sentido oposto ao dos comentários sòbre São Francisco de O. Prêto, pois “autor responsável”, para o leitor comum, pode dar idéia de autoria completa) ou à ausênciã de referênciã à imitaçãõ ingênua da planta ovalada e da chinezice dos arremates — elementos significativos para a arquitetura religiosa de Minas — da pequena e comovente fachada da Capela do O’ de Sabará.

Numa palavra, o resumo de “Relíquias de Terra do Ouro” — cuja publicaçãõ continuamos a considerar muito importante — afasta-se um pouco do que se esperaria de um guia dos monumentos mineiros, tal como, tomando Ouro Prêto por centro de interêsse, o fêz Manuel Bandeira, cuja reediçãõ se continua a esperar. Se, contudo, “Nas Paragens do Aleijadinho” fôr lido como um repositório de dados, úteis e precisos, que arriscavam ficar fora do alcance dos interessados, não deixará de, prontamente, evidenciar seus méritos. A êsses, aliás, é preciso ajuntar e louvar o da inclusãõ, no volume, da relaçãõ comentada dos “artistas Coloniais Mineiros”, tal como a organizou o esplêndido especialista que é D. Clemente da Silva Negra, O. S. B.

LOURIVAL GOMES MACHADO

BATTAGLIA (Salvatore). — *Nuovo Dizionario della Lingua Italiana*. U. T. E. T. Turim.

A escòlha da maneira de celebrar os fatos notáveis da vida e da atividade, quer duma pessoa quer duma entidade, com certeza que é uma boa indicaçãõ da seriedade e do empenho com os quais se cumpre o trabalho. E seja-nos permitido aqui aproveitar muito gostosamente esta consideraçãõ para falar na iniciativa que acaba de ter uma das maiores organizações editoriais italianas, a U. T. E. T. de Turim, para lembrar o centenário da sua existênciã. A U. T. E. T. escolheu de fato, entre as suas muitas e notáveis

atuais iniciativas, o anúncio e a apresentação oficial do primeiro fascículo publicado (que não é o primeiro da ordem alfabética) do *Nuovo Dizionario della Lingua Italiana*, que está a cargo do professor Salvatore Battaglia, catedrático de filologia românica na Universidade de Nápoles.

Para dar uma idéia daquilo que êsse Dicionário vai ser, quando estiver no fim, basta transcrever a noticia que acompanha o fascículo agora publicado: "*L'opera conterà di quattro volumi in 4.º grande su tre colonne, ciascuno di mille pagine circa. La pubblicazione del volume I è prevista entro il 1956; gli altri volumi seguiranno a distanza di un anno l'uno dall'altro*". A página em 4.º grande de três colunas, se se tiver em conta a frequência dos caracteres tipográficos pequenos — como aparece do primeiro fascículo —, é natural que corresponda a 7-8 páginas dum livro em 16.º; trata-se portanto duma obra cujo conjunto vai ser constituído por mais de 30.000 páginas duma publicação habitual. Perante êste tamanho, e tendo em conta que esta obra é o trabalho de uma única pessoa, ficamos como que estonteados, e perguntamos donde podem vir proporções tão desnorteadoras: porém êsse primeiro fascículo nos dá a resposta. O Prof. Battaglia, cuja atividade no campo da filologia românica, caracterizada pelo excepcional equilíbrio entre a erudição do mestre e o calor do homem, é muito bem conhecida, pretendeu dar com esta obra um Dicionário "novo" não só no título mas também, além do que na substância, nas dimensões. Obedece e satisfaz êle uma suma de critérios, cada um dos quais por si mesmo já pode ser um programa: a qualidade da definição de cada palavra, a eventual distinção dos sentidos da mesma palavra, a averiguação do mais antigo testemunho baseando-se nos textos conhecidos, a natureza e a abundância das citações de autores, o acabado da citação, a continuação cronológica dos testemunhos literários e o comentário etimológico. Esta série de intúitos, que o Prof. Battaglia se propôs — e que menciona numa *Presentazione* provisória — está indicada pelo autor como sendo "*aspirazioni ideali e paradigmatiche*", desejadas "*piuttosto come miraggio che quale meta accessibile*": mas é oportuno dizer já que, se uma "meta" como esta não aparecer alcançada neste "Novo Dicionário", merece a pena perguntar-se como é e quando é que ela poderá ser alcançada, pois que ao vermos o seu primeiro fascículo há o bastante para ficarmos cheios de admiração.

Exemplifiquemos com a palavra "abisso" (pág. 2, terceira coluna, e pág. 3, primeira e segunda coluna). O autor a define distinguindo nada menos que oito sentidos diversos com os quais a palavra costuma ser empregada, e para os quais se baseia no testemunho, respectivamente, de 8, 13, 10, 9, 27, 11, 1 e 6 autores. O "material" com que o autor tem edificado o edificio ideal desta palavra (como, com diligência e tenacidade análogas, tem edificado o das outras), assim reduzido em números, num elenco tão esquemático e árido, pode não ter muito sentido, no primeiro momento, para o leitor: mas para além destes números palpita — e não é difícil imaginá-lo, quem tiver refletido um instante — um mundo incandescente, constituído pelos encontros, e pelos embates, duma multidão irrequieta de figuras, máximas, notáveis e menores, da literatura italiana, desde os mais antigos autores de crônicas ou tradutores de livros religiosos até aos mais novos da nossa época, dos quais já esteja reconhecida a autoridade com res-

peito aos fatos lingüísticos e estilísticos. Pois também estilísticos: pois que aquilo que marca um cunho ao todo característico no “Novo Dicionário” de Battaglia é a amplidão de horizontes, no tempo e no espaço, em que a palavra é vista, não no seu sentido restrito, de um elemento separado do conjunto e portanto fatalmente mortificado — quando mesmo não estiver alterado, — mas na sua função de centro ideal dum organismo vivo.

Vem disso a sensação clara da exatidão com que o autor pode dar a definição, e fazer a história, de cada palavra, em volta da qual se dá, para quem souber ler, uma sugestiva e fascinadora batalha no colóquio tácito e ao mesmo tempo fervoroso que os vários escritores estão a travar idealmente entre si, como se cada um dêles estivesse comprometido, com tôdas as suas energias, para superar os demais na luta de dar vida à palavra, e para lhes impor o sentido — ou os matizes dêle — que êle sabe expressar com essa palavra; vem disso também a sensação, não menos clara, da imensa vitalidade da tradição lingüística e literária italiana, à qual a oportuna evocação de tantos e tantos escritores restitui o legítimo prestígio.

O Prof. Battaglia, já especialmente benemérito, nos últimos tempos, pela revista — que se publica em Turim graças à iniciativa e sob a sua direção — *Filologia Romanza*, que se tem evidenciado na Itália pelo lugar de primeira plana que concede, nas suas páginas, às literaturas de linguas ibéricas, pode muito bem ficar e sentir-se satisfeito, por ser, êsse seu “Novo Dicionário”, um instrumento excepcionalmente útil para a cultura não só italiana.

GIUSEPPE CARLO ROSSI.

VIANA (Hélio). — *Capistrano de Abreu (Ensaio Bio-bibliográfico)*.
Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação. Rio de Janeiro, 1955, 128 pp.

O Prof. Hélio Viana acaba de publicar, editado pelo serviço de documentação do Ministério de Educação e Cultura, um valioso estudo bio-bibliográfico sôbre a grande figura de historiador que foi Capistrano de Abreu, aquêle que, no dizer de Paulo Prado, foi, no Brasil, o “criador de uma escola de história, que não é somente *livro de livros*, mas estudo completo e complexo do drama humano no correr dos tempos, desde a compreensão dos ritmos mundiais, das fôrças instintivas e conscientes que dirigem os homens e as aglomerações sociais, até o detalhe pitoresco, palpitante, do viver cotidiano nas épocas passadas”. O nosso historiador era, no entanto, um autodidata que não chegara a levar a termos os estudos secundários e superiores. Aos treze anos fôra retirado da escola a fim de tentarem emendar-lhe a *preguiça e a vadiação*. . . “Lia muito, lia sempre, mas somente aquilo que despertasse a sua atenção, não o que lhe era imposto ou sugerido pelos professôres” (pp. 7-8). Bom seria que atentassem para isso os fazedores de planos, de programas e de *métodos* pedagógicos dêste pedagógico país. . . Se aos treze anos era, pois, retirado do colégio por vadiação, aos dezoito também tornava do Recife para o Ceará, onde a severidade do pai tencionava corrigi-lo, destinando-o aos afazeres agrícolas,

no sítio Columinjuba, perto de Maranguape. Mas, em breve, estaria novamente Capistrano em Fortaleza, militando com os jovens de sua geração, na curiosa *Academia Francesa* que refletia, paradoxalmente, o movimento *germanista* do Recife...

Os primeiros trabalhos de Capistrano de Abreu já refletem as suas preferências. São os estudos brasileiros que o atraem. “Em Fortaleza participou [...] de uma Escola Popular, na qual, a 20 de dezembro de 1874 falou sobre a *Literatura Brasileira*, ensaio teórico em que, ao lado da transitória influência de Spencer, de Comte e de Taine, já se pode perceber o interesse por aspectos geográficos e históricos” (p. 8). Em 1875 estava na Côte. Determinaria esta viagem, algum amor contrariado? Supõe o Sr. Vianna que sim. É possível. Desde então, serão sempre assuntos brasileiros, livros que digam respeito ao Brasil, questões da vida brasileira, a sua principal preocupação. E também, ninguém como êle melhor encarnaria a nossa *brasilidade*. Mas nunca — dí-lo Paulo Prado — Capistrano bateu “no peito para exclamar furibundo: *eu sou brasileiro*. Amava a sua terra, desde as pequenas coisas — a rêde, a pimenta, os banhos de cachoeira, o andar descalço, os mexericos — até a preocupação filosófica da política, dos homens públicos e tôdas as manifestações da nossa esporádica e incerta vida intelectual”. Era contraditório como a sua própria terra mas a sua paixão por ela “era intransigente apesar dos repentinos de mau humor (*que todos nós tão bem conhecemos em nós mesmos...*) com que procurava disfarçar a profunda afeição” que lhe dedicava. Convidado certa vez por Paulo Prado para visitar a Europa, retrucara-lhe rapidamente: — “Não gosto de tapéras!”. Para acrescentar logo a seguir, bem brasileiroamente, que não poderia disfarçar na Europa e nacionalidade, pois *sofria do fígado e era ignorante...*

Tal era Capistrano. Sua vida de estudos, — sua modestia, seus escrúpulos — são um exemplo, constituem uma lição para todos aquêles que tentam decifrar e compreender esta nossa contraditória terra e a sua não menos contraditória história. Em 1885, em carta a Tomás Luis de Assunção (que colhia documentos, a seu pedido, em Portugal), dizia o mestre: “a história do Brasil é um mundo e o que existe nos arquivos portugueses é um continente. Seria preciso passar muitos anos aí, sem ter outra coisa a fazer, para dar cabo da tarefa. Peço-te, pois, que circunscrevas tuas investigações ao século XVI” (p. 97). Sirva isto de exemplo aos moços e, se possível, também, aos maduros...

*
*
*

Creemos que até agora o melhor material reunido para um estudo sobre Capistrano de Abreu — além do vivo artigo de Paulo Prado, publicado em *Paulistica* (que também deve o próprio título a Capistrano) — são a *Bibliografia Capistraneana*, de Tancredo de Barros Paiva (*Anais do Museu Paulista*, t. IV, São Paulo, 1931); a *Bibliografia de Capistrano de Abreu*, de J. A. Pinto do Carmo (*Instituto Nacional do Livro*, Rio de Janeiro, 1943); o trabalho de José Honório Rodrigues, *Capistrano de Abreu e a Historiografia Brasileira* que examinamos aqui quando resenhamos a excelente edição da *Correspondência de Capistrano de Abreu* (Instituto Nacional do

Livro, Rio de Janeiro, 1954), organizada e editada por José Honório Rodrigues e agora este trabalho do Prof. Hélio Viana. Há um ponto, porém, às páginas 50-51 do livro do Prof. Viana que não nos pareceu claro. É quando diz: "Assim, em 1908, figurou (*Capistrano*) em banca examinadora de concurso de História Geral, especialmente do Brasil e da América, em que foram candidatos, entre outros, Escragnolle Dória (que obteve o primeiro lugar na classificação final), Osório Duque Estrada, Rocha Pombo e José Veríssimo. Ficando este colocado apenas em quinto lugar, daí resultaram nunca extintas incompatibilidades e sérios ressentimentos entre concorrentes e examinadores". A impressão que se tem é de que Veríssimo teria ficado magoado com Capistrano de Abreu. Ora, na *Correspondência* com Veríssimo, que se estende de 1893 a 1914, a impressão é outra: é uma correspondência amistosa, de bons camaradas de estudos. E em carta a João Lúcio, de 7 de fevereiro de 1916, diz Capistrano referindo-se a José Veríssimo: "Comecei a conhecê-lo depois de sua mudança para o Rio, e não posso conformar-me com a idéia de que não mais tornarei a encontrá-lo. Muitas vêzes nossas opiniões e atitudes divergiram inteiramente, mas os laços de boa amizade nunca afrouxaram e a intimidade foi sempre crescendo mais forte".

J. CRUZ COSTA

SÃO PAULO NO LIMAR DO SEU QUINTO SÉCULO — Desenhos a bico-de-pena de Jan Eckschmidt. Idealização e texto de Douglas Michalany.

A Gráfica-Editôra Michalany Limitada apresenta um interessante album comemorativo da passagem do IV Centenário da cidade de São Paulo. Nessa publicação são reunidos em numerosas tomadas a bico-de-pena os principais aspectos da capital paulista. São focalizados lugares e monumentos de interesse histórico, templos, cenas da vida urbana, escolas, institutos governamentais, etc., juntamente com textos explicativos referentes a cada ilustração. Trata-se de uma bela recordação de São Paulo dos nossos dias.

PAULO PEREIRA DE CASTRO